



REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E RECALQUE DO GENOCÍDIO ARMÊNIO¹

REFLECTIONS ON MEMORY, FORGETFULNESS AND REPRESSION OF THE ARMENIAN GENOCIDE

Daniela Spinelli²

Resumo: A proposta deste artigo é através da escrita memorialista de Bedros Der-Bedrossian, recuperar uma parte da história que vem sido ignorada, recalcada e esquecida. O genocídio armênio, não foi apenas o primeiro genocídio do século XIX, mas também serviu como modelo para outros, cometidos no decorrer dos tempos. Trata-se, acima de tudo, de um estudo sobre a violência e do esquecimento como contretização desse processo.

Palavras-Chaves: Genocídio, Violência, Memória.

Abstract: The purpose of this article is to recover part of the history that has been ignored, repressed and forgotten through the book of memories of Bedris Der-Bedrossian. The Armenian genocide was not only the first genocide of the nineteenth century, but also served as a model for others, committed in the course of time. It is, above all, a study on violence and oblivion as the embodiment of this process.

Keywords: Genocide, Violence, Memory.

¹ Faz-se necessário, deixar registrado que esse trabalho não poderia ser escrito sem contribuição de Any Woskerjian, Catherine Chahinian, Arcipreste Boghos Baronian, Dr. Setrak Kachikian (Conselheiro vitalício da Comunidade Armênia de Osasco), Prof. Dr. Hagop Kechichian, Katia Aharonian, Dr. Ruy Yamanishi e Dr. Nichan Mekhitarian.

² Daniela Spinelli é Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008/CAPES). Cursa o Doutorado no departamento de Teoria e História Literária do IEL/UNICAMP, sob a orientação do prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, Bolsista do CNPq e CAPES (bolsa sanduiche na Università degli Studi di Firenze, em Florença, na Itália, sob a co-orientação do Prof. Dr. Gianluca Bonaiuti. Estuda o Modernismo Paulista. Participa do Grupo de Pesquisa "Renascimento e Utopia" e do Centro de Estudos sobre Utopia U-TOPUS, ambos IEL/UNICAMP.

No final do século XIX, o Império Otomano foi palco das mais impressionantes manifestações de violência que, à época, se teve notícia. Trata-se de um período de transição, da decadência do Império de Abdul Hamid II, “O Sultão Vermelho”, e da ascensão ao poder pelo Comitê de União e Progresso³ (CUP), conhecidos como “Jovens Turcos”. Ainda que a Revolução Turca de julho de 1908 não tenha derrubado Abdul Hamid II completamente do poder⁴, propagaram-se pela Anatólia ventos de esperança. A tomada efetiva do poder pelos Jovens Turcos veio no dia 23 de janeiro de 1913 com um golpe de estado e a instituição de um triunvirato integrado por Talat Paxá, Ever Paxá e Djemal Paxá. Estes assumiram o governo com promessas de nova etapa da história para o Império. No entanto, o mesmo partido que promulgou a esperança de paz com a restituição da Constituição de 1876⁵ disseminou sua cólera e as mais bárbaras manifestações de violência. Discursos nacionalistas eram proclamados pelos governantes com o objetivo de salvar o Império da dissolução. O plano inicial era “converter em turcos primeiro os árabes e depois os kurdos, e livrar-se – de uma maneira ou de outra – dos armênios e dos gregos. Em função desta política, implantaram o turco como único idioma oficial.”⁶ Assim se teve início ao processo de “turquificação”⁷ dos povos sujeitos ao Império⁸.

O momento agônico foi em 1915. Diante de um conturbado cenário político internacional, isto é, a Primeira Grande Guerra Mundial, e, a adesão (em 1914) ao bloco composto pela Alemanha, Império Austro-Húngaro, contra a Rússia, Inglaterra, Itália e França, o Jovens Turcos, encontrou a oportunidade ideal para realizar o extermínio dos armênios que viviam no território do Império. O Comitê de União e Progresso (CUP), então, realizou em Constantinopla uma sessão secreta presidida por Talat Paxá, com os mais altos ideólogos, dirigentes e políticos do partido. Entre eles estavam: Enver, Kara Kernal, Dr. Beahaeddin Shakir, Dr. Nazim Shavid, Hassan Fehmi e Aga Oghlu Amed

³ A nomenclatura em turco é *Ittihad ve Terakke Jemiyeti*.

⁴ Cf. Ashot Artzouni, em *História do Povo Armênio* (1976, p. 378).

⁵ Bedros Der-Bedrossian, em sua autobiografia, publicada sob o título *Autobiography and Recollections*, descreve sentimento de esperança que tomou os ares da cidade de Urfa, em 1908. As suas palavras: “A new constitution was unexpectedly declared in 1908. All of the minorities all over Turkey who had been oppressed under Sultán Hamid’s tyranny, especially the Armenians, were very excited. This was the case in Ourfa as well. Turkish generals came to the Mother Church and announced the good news of the total destruction of the Sultan’s tyranny. There was much celebrations. Turkish and Armenian youth joined the fanfare and marched together through the Turkish and Armenian quarters singing Freedom, Justice, Equality, Brotherhood (Hurriet, Adalet, Mouseavet, Oukhouvet).” (p. 41).

⁶ *A História do Povo Armênio*, Ashot Artzouni, 1976, p. 378.

⁷ Gerad J. Libaridian, na obra *Modern Armenia – People, Nation, State*, escreve: “The young Turks, who engineered and supervised the transitional stage, the creation of a new Turkish nation-state out of the old Ottoman Empire passed through the prism of the homogenization of the population. The Ottoman Empire in the nineteenth century had dubious distinction of being at once oppressed buy many, often conflicting, Western imperial designs, and oppressor of its subject’s people, which included non-Turks such as Arabs and Kurds, and non-Muslim Armenians and Greeks.” (2004, p. 125)

⁸ Conforme Renata de Nascimento Summa, no trabalho *Vozes Armênias: Memórias de um Genocídio* (FFLCH/USP, 2006, p. 22), que me foi carinhosamente cedido por Nichan Mekhitarian: “Em alguns meses após a chega dos Jovens Turcos ao poder, o Império Otomano perdeu mais territórios do que o fez Abdul-Hamid em trinta anos. Em outubro de 1908, a Bulgária proclama sua independência. Ao mesmo tempo, Creta volta a pertencer à Grécia e a Áustria conquista a Bósnia-Herzegovina. O desespero dos Jovens Turcos face a um império que começa a desmoronar e o ódio contra as minorias cristãs adquirido pelos militares designados a lutar nas fronteiras contra os separatistas dos Bálcãs são um dos principais motivos que farão a Ittihad a adotar, posteriormente, medidas drásticas contra a população Armênia. Esse ódio é compartilhado por milhares de turcos que se vêem obrigados a deixar suas casas na região balcânica, em 1912, após a derrota otomana na região, e migrar para a Anatólia – região tradicionalmente habitada por armênios. As hostilidades começam a aparecer já em 1909, quando um armênio se envolve em uma briga de rua em Adana e mata dois turcos. Foi o estopim para uma verdadeira retaliação por parte do governo: em dez dias, a violência toma conta de Adana e das cidades vizinhas, como Tarsus, Inyerlik, Misis, Hamidié, Abdul-Oglú e outras. Vinte e cinco mil armênios foram mortos, quase cinco mil casas foram queimadas e cerca de duzentas aldeias foram destruídas. O episódio de Adana é um divisor de águas: a idéia que o Império Otomano deve ser somente turco se espalha entre os governantes e parte da população otomana. O sentimento anti-armênio se intensifica.” (2006, p. 37)

entre outros. O objetivo da reunião era: designar uma comissão executora do programa de extermínio. Em continuidade ao discurso proferido no congresso realizado em 1911 na cidade de Salônica⁹, Dr. Narzim Shavid sintetizou:

Os armênios são como praga gangrenosa, uma doença maligna que parece uma pústula por fora, mas que matará o paciente, se não for extirpada pelo bisturi de um cirurgião. Se vamos fazer algo semelhante ao massacre de Anadá de 1909, o resultado nos causará mais mal do que bem. Se o purgante não é geral e final, prevalecerá o prejuízo. O elemento armênio deve ser extirpado da raiz. Não devemos deixar um único armênio vivo em nosso país. Devemos matar o nome armênio. Estamos em guerra: não poderíamos encontrar oportunidade melhor. Não haverá intervenção das grandes potências, e o clamor da imprensa não será ouvido. Desta vez, proponho a execução decisiva da operação de extermínio. Devemos eliminá-los de forma que nem um armênio fique vivo. Alguns de vocês perguntarão: “é necessário chegar a tais atrocidades?” Rogo-lhes, efendís, para não caírem em tanta ternura. Trata-se de uma doença maligna. Pensem na guerra. Com exceção aos turcos, todos os outros elementos devem ser exterminados, qualquer que seja sua crença ou religião. Esse país deve ser purificado de elementos estranhos, e os turcos devem realizar dito expurgo. (ACASP, 1997, p. 23-24)

O impressionante no discurso do integrante da comissão do programa de extermínio, Dr. Narzim Shavid, é a evocação de termos que carregam uma dimensão científica para explicitar a necessidade do extermínio de um povo. O diagnóstico do ideólogo é simples: “Os armênios são como praga gangrenosa”, e conforme a sua lógica, o tratamento que deve ser instituído: o povo armênio deve ser “extirpado pelo bisturi de um cirurgião”. Afinal, os males são contrapostos, como doença e antídoto, pela praga e pelo médico que intervém. A disposição da equação cria uma relação de dependência entre sintoma e cura. Nessa toada, Dr. Narzim Shavid provoca uma astuta inversão ao proclamar o povo armênio como um “corpo estranho”, causador do mal. Se seguirmos o seu argumento, a “praga” é quem provoca uma violência ao organismo, e não o médico, por adotar um tratamento radical, na tentativa de cura. A raiz do cientifismo deste pensamento, é também a matriz dos processos genocidários, por subjugar toda uma raça, um povo, clamando sua superioridade e o seu ato, por um bem maior. O cirurgião, neste caso, é o próprio governo do Império Otomano, que de acordo com o ideólogo, deve promover a destruição absoluta do inimigo. Bernard Bruneteau é um historiador que lançou um olhar analítico para o entendimento das origens do comportamento genocidário contemporâneo. É o próprio autor quem esclarece o caminho por ele eleito:

A era imperialista que vê o novo pensamento racista justificar um expansionismo colonial sangrento inaugura com efeito os “massacres

⁹ Segue um trecho do discurso, do Dr. Narzim Shavid, apresentado no congresso de 1911: “É necessário aniquilar os armênios do nosso país. Para levar a cabo essa decisão, é necessário atuar desprovido de toda consciência, de todo sentimento de humanismo perante as dificuldades, pois a questão não é a consciência nem tampouco os sentimentos humanitários. É um assunto de índole político, intimamente ligado ao benefício e ao futuro da Turquia.” (ACASP, 1997, p. 23, grifo meu)

administrativos”; a guerra de 1914, que combina animalização do inimigo, violência extrema e assassinios em massa, resulta por outro lado na brutalização das sociedades européias. São inúmeros os elementos que estabelecem as bases intelectuais, sociais e políticas para a veemente negação posterior dos direitos do homem. (Bruneteau, 2004, p. 31)

A questão, nesses termos, ganha um novo contorno, quando traz a luz um “expansionismo colonial sangrento” como chave para compreendermos a feição violenta da “era do horror”¹⁰ no qual genocídios, “massacres administrativos” são meios válidos quando podem garantir ao sujeito da ação algum lucro. Recuperando mais uma vez o discurso do Dr. Narzim Shavid, no congresso de 1911: “É necessário aniquilar os armênios do nosso país. (...) É um assunto de índole político, intimamente ligado ao benefício e ao futuro da Turquia.” (ACASP, 1997, p. 23) O enigma está na violência extrema que define a ação das sociedades expansionistas do velho mundo. Isso, porque a era imperialista parece contemplar em si mesma o pior dos mundos: um que vem de um passado onde a opressão transforma em coisa todos sujeitos a ela, e outro, que prevê o Direito de exterminá-lo¹¹. A Grande Guerra, caracteriza-se não apenas como o primeiro conflito mundial, mas pelo uso da ciência, técnica e propaganda para a aniquilação do inimigo. Bernard Bruneteau parece-me bastante preciso ao identificar no expansionismo colonial a origem de um processo de radicalização da violência, que encontra justificativa para seus atos em um pensamento racista, muitas vezes construídos sobre um aparato científico¹² que o “legitima”. A dimensão ideológica do racismo revela-se com intensidade também na formulação de Hannah Arendt, na obra *Sobre a Violência* (1994, p. 28):

O racismo, enquanto distinção da raça, não é um fato da vida, mas uma ideologia, e os atos a que ele conduz não são atos reflexos, mas ações deliberadas baseadas em teorias pseudocientíficas. A violência na luta inter-racial é sempre assassina, mas não é “irracional”; é a consequência lógica e racional do racismo (...).

Esse pensamento reflete-se, especialmente no século XX, em níveis inimagináveis, em que o resultado social é o desenvolvimento de uma política opressora que abre mão dos ideais humanistas como arma para a construção de grandes Estados modernos. Estaríamos, pois, imersos numa espécie de aporia, em que tanto o progresso¹³ se

¹⁰ Aqui o termo é apropriado com o sentido dado por Wolfgang Sofsky.

¹¹ Jean-Paul Sarte, no prefácio da obra de Frantz Fanon (*Os Condenados da Terra*), escreve sobre a violência do expansionismo colonial, e mais especificamente no caso Argélia: “A ordem é rebaixar os habitantes do território anexado ao nível do macaco superior para justificar que o colono os trate como bostas de carga. A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados: procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir sua cultura sem dar-lhes a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se ainda resistirem, o medo concluirá o trabalho: assentam-se os fuzis sobre o camponês, vem civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade.” (1968, p. 9, *grifos meus*)

¹² Muitas são as correntes do pensamento científico que procuraram construir teses que comprovem a superioridade e a inferioridade das raças, entre elas se destaca a teoria racista de Gobineau, o darwinismo-social de Gumpowicz, Ratzehofer, Wolteman, Herbert Spencer, Aldred R Wallece, Robert Know, Clémence Royer, e H. St. Chamberlain, fundador do racismo moderno.

¹³ Hannah Arendt, *Sobre a Violência* “Não apenas o progresso da ciência deixou de coincidir com o progresso da humanidade (o que quer que isto signifique), mas também poderia mesmo disseminar o fim da humanidade, tanto quanto

torna instrumento de dominação, como a defesa de um arcabouço ideológico¹⁴ forjado sobre a experiência da Revolução Francesa, que se esforça para não transparecer o lado violento de sua ação social. Desse quadro catastrófico, é que a suspensão do juízo constitui-se em armadilha para a modernidade, sempre refém de uma lógica, cuja estrutura está na suspensão absoluta do afeto e da “razão”. A observação, de Bernard Bruneteau, portanto, guarda uma relação estreita com a “falência de uma certa idéia de homem”¹⁵, e o desenrolar de uma corrente de pensamento “irracionalista”.

De fato, o plano dos dirigentes do Comitê de União e Progresso (CUP)¹⁶ foi executado com precisão cirúrgica. Primeiro, os Jovens Turcos (CUP), ordenaram um boicote ao comércio e indústria Armênia, logo, publicou uma ordem de exoneração de todos os armênios que ocupavam cargos administrativos no Império Otomano¹⁷. Na sequência, o Exército promoveu o desarmamento das comunidades armênias, e o alistamento obrigatório de jovens que tinham entre 20 a 45 anos para o Exército¹⁸, sob o pretexto da Grande Guerra. Os mais jovens, eram enviados sem armas para frentes de batalha, e os mais velhos, eram mandados às regiões onde era necessária mão de obra, para construir estradas. Sem armas e com pouquíssimos homens jovens, as comunidades armênias ficavam vulneráveis. O próximo passo foi eliminar todos os intelectuais, políticos e religiosos armênios, para impedir qualquer possibilidade de auto-organização contra o Império. Bedros Der-Bedrossian em seu texto memorialista, escreve:

So the government cleverly removed from the city the majority of the men who were capable of putting up a resistance. Then they rounded up 16 men who were capable of organizing the community. Their goal was to leave the Armenian people without any leadership. These men were collected from their shops and homes under different pretexts, arrested and jailed. These individuals were my brother Aghajan Der-Bedrossian, Sarkis Jerrahian, Soghomon Knajian, Hagop and Nazaret Kulloghlian, Haroutin Kaghtatsian, Garabed Kataroyan, Kervok, Nerses and Hovhannes Yotneghpayrian, Haroutin Sarrafian, Yezegiel Boyajian, Kevork Donavakian, Khosrov Dadian, Garebed Proudian (teacher from Kharpert) and Kevork Kazanji. Two days later, they were all exiled along their immediate families to Raqqa, a town inhabited by Arabs 300 kilometers away from Ourfa. Soon after, they were all executed. One day after the 16 were arrested, the Turks searched

o progresso ulterior da especialização bem pode levar a destruição de tudo o que a tornava válida antes. Em outras palavras, o progresso não serve mais como o padrão por meio do qual avaliamos os processos de mudança desastrosamente rápidos que desencadeamos.” (1994, p. 28)

¹⁴ Mais uma vez, Jean Paul Sarte, parece-me certo quando escreve sobre o luta pelo processo de descolonização na Argélia: “Seus escritores, seus poetas, com incrível paciência trataram de nos explicar que nossos valores não se ajustavam bem a verdade de sua vida, que não lhes era possível rejeitá-los ou assimilá-los inteiramente. Em suma, isso queria dizer: de nós fizestes monstros, vosso humanismo nos supõe universais e vossas práticas racistas nos particularizam.” (1968, p. 4, *grifo meu*)

¹⁵ Bernard Bruneteau, 2004, p. 31.

¹⁶ Os Jovens Turcos (CUP), organizaram um departamento responsável por exterminar os armênios. Gerard J. Libardian, na obra *Modern Armenia*, esclarece a natureza da organização: “The extermination was accomplished under the supervision of a secretive organization that functioned as part of the government, the *Teshkilat-i Mahsusa* or Special Organization, run by the highest government and CUP officials, manned by convicts released from jail, and acting under the immediate supervision of select members of the CUP” (2004, p. 139)

¹⁷ Essas informações foram retiradas do trabalho de Renata de Figueiredo Summa, *Vozes Armênias: Memórias de um Genocídio* (FFLCH/USP, 2006, p. 22).

¹⁸ Com exceção daqueles que poderiam pagar 45 moedas de ouro otomanas. (Conforme texto autobiográfico de Bedros Der-Bedrossian, 2005, p. 54)

the Prelacy and the Monastery of St. Sarkis, with was near the city. They confiscated all the books, records, letters and manuscripts. The arrested Antraning Bozajian (from Kharpert) and Kaspar Rsdigian, two teachers considered nationalists who were living in the monastery. They jailed them and then sent them to the military court in Aleppo. (2005, p. 57)

Todos os 18 nomes listados por Bedros Der-Bedrossian, em sua autobiografia, foram executados com o objetivo de impedir qualquer possibilidade de reação por parte da comunidade Armênia de Urfa. Essa estratégia foi essencial para o Exército do Império Otomano obter sucesso no seu plano de extermínio do povo armênio. No dia 24 de Abril de 1915 foram presos intelectuais, políticos, escritores e religiosos armênios em Istambul¹⁹, sob a acusação de hostilidade em relação ao Estado. “Eles passaram uma noite encarcerados em Mehder-Hané, e depois divididos em dois grupos. Cada um segue para cidades distintas onde são esperados para ser assassinados depois de falsos julgamentos.”²⁰ O que restou da população Armênia nas cidades – composta na maior parte das vezes por mulheres, crianças, e idosos – receberam ordens para deportação. Estes foram encaminhados em comboios²¹, supervisionados por membros da CUP²², para diferentes partes do Império Otomano, com exceção da capital. A grande maioria da população seguiu as ordens na esperança de ser uma relocação temporária, e que um dia poderiam retornar para suas casas. Forçados a caminhar pelo deserto da Mesopotâmia, os armênios eram constantemente assaltados, violentados, torturados²³ e assassinados pelo caminho. Pilhas de corpos eram os rastros da marcha da morte²⁴. No percurso, os armênios sofriam de fome, frio e desidratação²⁵.

Aqui, uma advertência, se faz necessária. Pois somos tomados pela consciência da dificuldade, talvez até mesmo impossibilidade, de contar a catástrofe dos acon-

¹⁹ Bernard Brunetau acrescenta: “Só em Istambul, 2345 pessoas são deste modo encarceradas e depois executadas ou deportadas para o interior pelo caminho de ferro da Anatólia.” (2004, 69)

²⁰ Renata de Nascimento Summa, no trabalho *Vozes Armênias: Memórias de um Genocídio* (FFLCH/USP, 2006, p. 22)

²¹ Nubar Kerimian, em *Massacres de Armênios*: “A Armênia agonizava, a Armênia, toda ela, nada mais era senão um grande campo de concentração rodeado de turcos por todos os lados, que logo se viu banhada em sangue além de deportações, massacres, pilhagens, bens materiais e culturais roubados e destruídos com a dignidade ferida e o ser reduzido a verdadeiro farrapo humano.” (1998, p. 81)

²² Na obra *Turkey – A Modern History* (2005), Erik J. Zürcher menciona a relação direta entre genocídio armênio e o Comitê de União e Progresso (CUP). Nas palavras do historiador: “A number of provincial party chiefs assisted in this extermination, which was organized primarily through the Teskilât-iMahsusa under the direction of its political director (and CUP central committee member) Bahaettin Sakir. Some provincial governors like Dr. Mehmet Resit in Diyarbakir, were themselves, instigators of large-scale persecutions, but there were also governors and army officers who refused to cooperate. These, however, were overruled or replaced. The party bosses took the real decisions ‘on the ground’ in the matter.”

²³ O relato de Tekirian, publicado na obra de Nubar Kerimian, esclarece quais eram a natureza das torturas praticadas pelo exército turco: “Sua diversão favorita era abrir o ventre das mulheres que iam ser mães, arrancavam-lhes as crianças e penduravam-nas pelos pés e faziam apostas quem era capaz de dividi-lo em duas partes num só golpe, ou torturar um sacerdote cristão tirando uma a uma as unhas, cortando-lhe a língua ou queimando-lhe os testículos com ferros candentes antes de matá-los.” (1998, p. 125)

²⁴ Bedros Der-Bedrossian: “Soon caravans of miserable Armenian deportees began arriving, first from Zeytoun and later from other provinces including Dikrenagerd, Kharpert, Severak, Erzroum, etc. These people were forced to walk on foot and half naked. They were emaciated and skeletal old women, old men and children. There were no young men or women among them. The young men had been slaughtered and the women had been, whipped and sold into harems. (2005, 57)

²⁵ Gerard J. Libaridian, na obra *Modern Armenia*: “Caravans of women and children, ostensibly being led to southern parts of the empire, became death marches. Within six months of the deportations half of the deportees were killed, buried alive, or thrown in the sea or the rivers. Few reached relatively save cities, such as Aleppo, Syria. Most survivors ended up in the deserts of Northern Mesopotamia, where starvation, dehydration, and outright murder awaited them. Subsequent sweeps of cities ensured the elimination of the Armenian people from the western and largest portion of their historic homeland.” (2004, p. 138)

tecimentos que tomaram conta da Anatólia e do deserto de Der-El-Zor. Qualquer descrição, qualquer informação, não será capaz de expor a barbárie à que os armênios foram sujeitos. Trata-se de um impasse para a construção historiográfica, pois é necessário escrever sobre o que aconteceu, mas é impossível representá-lo com as palavras justas. Por outro lado, nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin é uma tarefa política “lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)” (2006, p. 47)²⁶.

Ciente dos limites deste ensaio há um problema que, malgrado as tentativas de análise da natureza do genocídio armênio, impõe-se sobre este texto. Ele constitui-se, sobretudo, no vínculo entre memória e esquecimento, história e recalque. Salvo engano, lutar contra o esquecimento²⁷ é o maior impasse para a construção da memória do genocídio Armênio. Isso porque, talvez em razão de sua monstruosidade, foi presa do recalque histórico. Ainda hoje, o acontecimento é pouco conhecido²⁸, lembrado ou estudado e mesmo depois de 95 anos, o genocídio não reconhecido pela Turquia, que manipula a história oficial do seu país. A violência sob este aspecto atinge em dois momentos diferentes: No primeiro, durante os *anos de horror*, ao exterminar os armênios, o Império Otomano também previa a destruição da história e memória de um povo; no segundo (atualidade), o não-reconhecimento do genocídio, por parte da Turquia, implica em uma concretização do primeiro. Trata-se de uma injustiça com as vítimas, descendentes e a memória de um povo²⁹. Jeanne Marie Gagnebin, quem promove uma reflexão sobre esta problemática, no artigo “Palavras para Hurbinek”, e pela necessidade do reconhecimento do termo “genocídio” pelas comunidades internacionais:

Ora, o uso do conceito “genocídio” é importante, não só porque ele acarreta consequência de direito internacional, mas também porque ele reconhece, no nível histórico e simbólico, tanto a culpa como a perda. Em termos de memória e de transmissão, mais especificadamente, as contribuições de alguns descendentes dos sobreviventes do genocídio armênio, em particular Janine Altounian (tradutora) e Hélène Piralian (psicanalista), apontam para a ruptura que a morte, não reconhecida dos pais, sua degeneração pelos outros e a impossibi-

²⁶ E ainda Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar, escrever, esquecer*, continua: “Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que deles foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrar dos mortos para viver melhor hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro” (2006, p. 47)

²⁷ Roger W. Smith, em *The Armenian Genocide: Memory, Politics and Future* (2000): “That over one million Armenian men, women, and children could have been subjected to genocide by the Young Turks government in 1915 and the world would not remember is profoundly disturbing” (p. 1)

²⁸ Curioso, contudo é que todo o processo de perseguição e extermínio do povo, no decorrer da Grande Guerra Mundial, foi propagado pela imprensa internacional durante o desenrolar dos acontecimentos. Muitas fotografias dos mortos, dos campos de concentração, foram feitas por missionários estrangeiros e embaixadas internacionais. Mesmo que quase nada tenha sido feito para proteger as vítimas dos Jovens Turcos (CUP), documentos atestam que as grandes potências mundiais tinham pleno conhecimento sobre ocorrido. Alguns intelectuais e políticos internacionais, como Arnald T. Toynbee, Lorde Bryce, manifestaram no calor do momento, sua repugnância e indignação com as ações do Império Otomano.

²⁹ Theodor W. Adorno, também reflete sobre a necessidade de se resistir o esquecimento dos atos bárbaros dos governos totalitários: “Antes de tudo, o esclarecimento a respeito do acontecimento deve trabalhar contra o esquecimento que, de maneira demasiado fácil, se torna sinônimo da justificação do esquecido; por exemplo, quando pais, obrigados a ouvir seus filhos levantarem a desagradável pergunta a respeito de Hitler, reagem a isso, já para inocentar a si mesmos, falando dos bons lados e dizendo que, na verdade, não foi tão ruim assim.” (*Gesammelte Schriften*, 1997, v 10-2, p. 568, apud. JMG, 2006, p. 100)

lidade de pessoal do luto, instauram na vida dos filhos. Despojados de história – como se seus ancestrais próximos e longínquos nunca tivessem existido – e de língua – pois a maioria dos descendentes de armênios não sabe escrever, nem ler, nem falar armênio, os filhos desses pais não enterrados, devem, necessariamente, se alojar numa língua e numa história alheias, concretamente na língua e na história dos países aonde se refugiaram para poder sobreviver, e em particular, comunicar-se com os outros e consigo mesmos. O risco sendo, naturalmente, o de que percam, definitivamente, a memória dos seus antepassados, portanto, na própria relação ao passado, e realizem, assim, plenamente o designo de aniquilamento que perseguiram os seus algozes. (2000, p. 109)

Uma tomada de posição frente ao esquecimento do genocídio armênio e um resgate histórico faz-se urgente para que se desfçam os falsos juízos sobre esse trauma histórico. Lembrar é dar significado e reconhecer, diante das palavras de Jeanne Marie Gagnebin, é fundamental para que se faça justiça aos mortos, e a sua memória. Os sobreviventes e descendentes, diante do não reconhecimento do ocorrido, principalmente pelos países aonde vivem depois da diáspora, como é o caso do Brasil e Estados Unidos, ficam impedidos do luto³⁰. É necessário o reconhecimento de que o termo genocídio, pode e deve ser aplicado as barbáries sofridas pelo povo armênio, durante a Grande Guerra. Pois embora o termo tenha sido criado, só em 1944, pelo professor de Direito Internacional, Raphael Lemkin, respondendo a necessidade de nomear os crimes cometidos pelo governo Alemão, durante a Segunda Guerra Mundial, contra judeus e ciganos, responde às ações sofridas pelo povo armênio em 1915. A origem etimológica do termo surge a partir da palavra grega *genos* (raça, povo) e do sufixo latino – *cide* (de caedere, matar)³¹. Segundo, Raphael Lemkin, na obra *Axis Rule in Occupied Europe*, o genocídio é uma forma de massacre em massa unilateral pelo qual um Estado ou uma outra autoridade tem intenção de destruir um grupo. Gerard J. Libaridian, na obra *Modern Armenia*, vai além, quando reflete sobre o genocídio armênio como paradigma para o genocídio político, adotado por outros estados totalitários no decorrer do século XX³²:

The Genocide of the Armenian people during World War I is the earliest case of a fully documented modern day extermination of a nation. Planned and carried out by the Ittihad ve Terakke Jemiyeti (Committee of Union and Progress or CUP) government of the Ottoman Empire, this first genocide of the twentieth century may also be a paradigm for “political” genocide since then. Twentieth-century genocide have become means used by governments to resolve political problems. (2004, p. 137-138)

³⁰ Jeanne Marie Gagnebin: “A impossibilidade do luto responde à impossibilidade do nascimento verdadeiro, pois somente o reconhecimento da morte permite a plenitude da vida.” (2000, p. 110)

³¹ Eis as palavras de Bernard Bruneteau: “Ele introduzia-o nomeadamente num livro, *Axis Rule in Occupied Europe*, onde enumerava todas as medidas planificadas pelos nazis para aniquilarem povos, judeus e polacos, em primeiro lugar, nas componentes nacionais, religiosas e éticas”. Para Lemkin, para lá da eliminação física em massa, um caso limite e excepcional aos seus olhos, o genocídio era inicialmente constituído por uma multiplicidade de ações que visavam destruir as bases de sobrevivência de um grupo enquanto tal. Era “uma síntese dos diferentes actos de perseguição e de destruição”. (2004, p. 13)

³² Hitler teria dito a frase “Afinal, quem ainda se lembra dos armênios?” antes de invadir a Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial.

No caso específico da Armênia, é necessário o reconhecimento do termo “o genocídio”, para que se desfaçam os erros de uma historiografia, ainda hoje oficial da Turquia, que insiste em caracterizar os armênios como bárbaros, rebeldes, que tiveram de ser mortos pelo bem e segurança interna do Império Otomano³³.

O negacionismo, frente às reivindicações armênias chega ao limite na obra *The Armenian Question: From Terror to Policy in The Historical Process*, escrita por Zafer Özkan, publicada em 2001/Istambul. O escritor, assim, ambiciona, responder as alegações “falsas” (nos seus próprios termos) dos armênios³⁴, e provar que “o assim chamado genocídio” (termo original usado pelo autor “the so-called genocide”), na verdade foram “relocation acts”. Os “Relocation acts”, na visão de Zafer Özkan, “foi a mais humanista solução” que o governo dos Jovens Turcos (CUP), puderam fazer, com o objetivo de conter as rebeliões, genocídios, atos terroristas, que os armênios estavam promovendo dentro do Império Otomano³⁵. Assim o autor chega a conclusão de que os armênios não foram vítimas de genocídio e sim da imigração. Nas palavras do autor: “Armenian relocations and exiles has been researched in history, and explained that Armenians weren’t subjected to genocide but subjected to immigration.” (2001, p. 225).

Ao examinar as provas dadas na obra *The Armenian Question: From Terror to Policy in The Historical Process*, por Zafer Özkan, o leitor é tomado pelo sentimento de indignação, já que os argumentos sustentados por ele, elaboram uma inversão de papéis, a fim de provar que, as vítimas não foram os armênios, e sim os turcos. O objetivo do autor é esconder as verdadeiras intenções do governo (CUP), minimizar os “crimes sem nome”³⁶ e negar a existência do genocídio. Todas as medidas tomadas pelo Império Otomano, para Zafer Özkan, são válidas diante da situação da imanenência da Grande Guerra.

As atrocidades cometidas pelo governo dos Jovens Turcos ocorreram sob as justificativas de que era preciso fazer justiça, contra o espírito revoltado dos armênios. Na verdade, o Império Otomano buscava, com avidez, qualquer desculpa para legitimar o aniquilamento dos armênios. O complicado é pensar que, esta se trata da versão oficial dos fatos, propagada pelo Estado Turco e ensinada nas escolas. Segundo o padre Boghos Baronian³⁷, que nasceu e viveu em Istambul (Turquia), até recente mudança para o Brasil, o *recalque* histórico, isto é, as tentativas de apagar as marcas do genocídio, e até mesmo da existência topográfica e cultural dos armênios na Turquia é bastante comum. Cidades e lugares, que possuem grande significado para os armênios, têm o seu nome alterado. Esse é o caso do Monte Ararat, o mais conhecido símbolo da Armênia, que hoje está situado na Turquia e é conhecido como “**Ağrı Dağı**”, que em turco,

³³ As palavras de Zafer Özkan: “Because of the possibility of entering the First World War, Ottoman Government announced mobilization in August 3, 1914. The first condition for completing the mobilization with success was to maintain the internal security. However, with the announcement of the mobilization, the Armenian Committees increased their hostile actions and pushed the country into a gate of civil war. Powerful states protected and incited the Armenians and this was hampering the basic measures that could be taken and endangering the country’s future.” (2001, p. 119)

³⁴ Zafer Özkan: “Nowadays, Armenians, who discontinue to terror and start to make an effort for recognition of their so-called genocide at the presence of various countries and international organizations, try to take Jews as a model.” (2001, p. 230)

³⁵ Zafer Özkan: “It was the most humanist solution to send the Armenians to different places than the movement area against the actions of them such as rebelling in may provinces, doing genocide and forcing the people to migrate.” (2001, p. 128)

³⁶ Temo cunhado por Winston Churchill.

³⁷ O padre Boghos Baronian foi gentil em me ceder uma entrevista, na Comunidade Armênia de Osasco, em junho de 2010.

significa “Dor”. Sendo assim, se concretizam os desejos do governo dos Jovens Turcos (CUP), em apagar os rastros de que um dia armênios viveram naquele território.

Bedros Der-Bedrossian escreveu um texto memorialista com mais de 300 páginas, que foi traduzido do armênio para o inglês por sua neta Tamar Der-Ohannessian e publicado sob o título *Autobiography & Recollections* (2005). Escrito sem a pretensão de ser publicado, o autor ambicionava resgatar as memórias de uma vida, tomado pelo impulso de conferir-lhe algum sentido. No dia 25, de abril de 1977, escreve: “Dear reader, my writing is not clear because my eyesight is weak. Please excuse me. I do not think that anyone will ever read this anyway because these things are not of interest to anybody.” (2005, p. 277). Percebe-se neste pequeno trecho, uma das contradições iminentes do trabalho memorialista, a saber, a quem interessa o discurso. O autor demonstra a dificuldade em perceber o significado de suas recordações. Afinal, não se trata de um livro de história, de textos jornalísticos ou mesmo da intimidade de alguma personalidade. Aparentemente, são apenas fragmentos da vida de um homem comum, que nasceu, construiu família e morreu. No entanto, o texto acaba por revelar algo bem maior do que ele mesmo previa. Bedros Der-Bedrossian foi testemunha dos massacres de 1895 e 1896 na cidade de Urfa (antiga cidade armênia que se tornou parte do Império Otomano), e do genocídio que ocorreu entre 1915 até 1917³⁸. Sem se dar conta o escritor, através da construção menemônica individual, fornece ao leitor um registro de quem sobreviveu a uma situação extrema de violência.

A posição do sobrevivente de uma situação-limite é por excelência ambígua, pois se de um lado, numa tentativa de assimilação do trauma, precisa contar o que aconteceu, de outro, os fatos mediados pela linguagem, parecem não permitir figuração. Assim, a linguagem parece resistir diante da representação de uma experiência traumática, de forma que a apreensão do “real” é inatingível. No caso, é preciso dizer o indizível, é preciso dar forma ao insólito, mesmo que para isso, seja necessário percorrer a trajetória do inferno.

Como se sua vida, mais uma vez corresse risco, Bedros Der-Bedrossian deve narrar sua experiência. Na luta rinhada pela sobrevivência de uma língua³⁹, de uma memória, de um povo, constata a impossibilidade de estabelecer uma cadeia de acontecimentos organizados por uma lógica causal. Isso porque a simples ordenação da memória, mediada por uma consciência seletiva e discriminatória, pressupõe a existência de uma individualidade segura de sua razão e de sua existência. No lugar de um indivíduo autônomo, encontramos a contrição de quem se encontra acuado por forças que insitem em paralisá-lo. Nos subterrâneos da subjetividade, a *violência* rompe as barreiras impostas pelas energias psíquicas e reivindicam o *choque*. Diante da pretensão de organizar as memórias de forma cronológica, Bedros Der-Bedrossian, se repete e pede desculpas a um improvável leitor, pelo vai e vem da escrita. O princípio de composição, que eleva o ato da recordação como última fronteira de tentativa de superação dos obstáculos dados pela matéria histórica, anuncia, nas artes da linguagem a falência da constituição de sujeito autônomo, incapaz de escapar de uma suspensão do juízo. A

³⁸ Conforme Gerard J. Libaridian.

³⁹ Sueli Ribeiro Martini escreve na obra *Ian – Sufixo da Identidade*, sobre a dificuldade de manter viva a língua Armênia na diáspora: “Como na parte ocidental da Armênia, o domínio turco fez calar a língua e cessar a escrita, mantê-las vivas na diáspora, significava resistência. Os que ficaram na Armênia, após o genocídio de 1915, eram obrigados a falar turco sob pena de terem sua língua cortada, dos que foram para a Síria e Líbano quando tinham oportunidade, estudaram o armênio nos orfanatos” (2004, p. 113)

implosão do tempo, numa ordenação causal de acontecimentos, é a marca de uma literatura de testemunho, que mesmo com o movimento de recalque da história, busca uma redenção, embora sempre fracassada. Mesmo que a linguagem seja insuficiente em dar conta da “realidade”⁴⁰, é preciso contar os fatos que a historiografia oficial insiste em ignorar.

Os massacres de 1895-1896, são uns dos momentos quase esquecidos pela historiografia. Prenúncios do futuro que o Império Otomano reservava aos armênios, os massacres alastraram-se por locais “aonde a população armênia suplantava em termos demográficos os mulçumanos, turcos ou curdos”⁴¹. O exército turco, imbuído da alegação de que armênios rebeldes cometeram crimes⁴², invadem os bairros armênios e dão início a uma longa troca de tiros. Bedros Der-Bedrossian, neste momento é ainda adolescente, que se esconde com a família por longos dias, até o fogo finalmente cessar. Apesar de extenso, se faz necessário transcrever um trecho do relato autobiográfico, apresentado por Bedros Der-Bedrossian:

We remained inside for a long time, making no sounds or movements. We stayed there until the evening. Then we heard loud shouts from the street. Our ladies brought news that the massacre had ended. The messengers were shouting in Turkish, “afeh shahaneh, afeh shahaneh”, which meant “Federal pardon, royal pardon”. Was it true or was it false? We thought it might be a trap to lure those who still hiding. We hesitated. Should we come out or not? Our mothers went out and brought back the news that many Armenians were out on the streets walking around freely. (...) We were at loss to go. We heard that some of the survivors had crowded into the courtyards of the Turkish mosques. Others had gathered in the nearby house of Mughtzee Bdough. We chose the latter. A large crowd had gathered there. There was very bad news. Those who had taken refuge in the main church, around 2500 persons, had been burned alive. The Turks broke open the doors of the church with axes, poured in gallons of petrol and set it ablaze. (...) My family began inquiring about all of our relatives who had been martyred during the massacre. Here is a list:
The young husband of my sister Vartouhi, Garabed Dadian.
The wife of my uncle Nerses and his two young boys, Garabed and Matos. They were burned alive in the church.
My father’s sister Hripsime, her two sons Hagop and Khoren and her daughter Rahel. They were also burned in the church.
Bedros, the young son of my paternal aunt Loussia. My aunt’s husband had his throat slashed, but survived.
Nine persons in total. From our next of kin, or extended family, there were, many, many more martyrs. The list is much too long to include here.

⁴⁰ Conforme Márcio Seligmann-Silva, em *Apresentação da Questão: a Literatura do Trauma*: “O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “real”) com o verbal”. (2006, p. 46)

⁴¹ Bruneteau, 2004, p. 65.

⁴² O embaixador da França, Paul Cambon, no *Exposé Historique de la Question Arménie*, enviado para Paris no início de 1894, escreve: “Aos poucos, os Turcos foram-se tornando odiosos... e, como se não bastasse provocarem desagrado, os Turcos empenharam-se em incrementá-lo tratando os descontentes como revolucionários e os protestos como conspirações.” (Bruneteau, Op. cit., 2004, p. 64)

Hripsime's two other sons, Garabed and Dikran, were also in the church when it was set on fire. They had been on the balcony and when they could no longer stand the smoke, they pushed and shoves their way out onto the roof of the church. In this manner, they managed to escape along with 15-20 other young persons. (...) It was finally estimated that the total number of Armenian victims in Ourfa was about 5000. About half (men, women and children) were burned to death in the church. There was tremendous weeping, mourning and despair in every Armenian household. In sum, in all the cities, towns and villages throughout Turkey, about 300,000 Armenians were massacred by Turks during 1895-96. (2005, p. 29-30)

Imbuído da função de arqueólogo das ruínas, Bedros Der-Bedrossian, escava desenterra os mortos. Só que no lugar de apresentar apenas números de vítimas anônimas, fruto de um ato de violência genérico, o autor rompe, através do discurso testemunhal, com o distanciamento. As imagens ganham *legendas*, nomes completos, lugares e em alguns casos, até descrição do modo pelo qual a vítima foi assassinada. O sobrevivente, assume uma tarefa ética de fazer a topografia dos mortos. Conforme Susan Sontag, no livro *Diante da dor dos outros*: “Recordar é um ato ético, tem valor ético em si mesmo e por si mesmo. A memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos.” (2003, p. 96) Contra o esquecimento, é preciso escrever sobre a experiência traumática, em busca de um consolo impossível. Aceitar os “Federal pardon, royal pardon” dos mensageiros, implicaria em aceitar o absurdo, como “normal”. Na tentativa de dar um “túmulo aos mortos”⁴³ Bedros Der-Bedrossian, escreve uma lista dos parentes assassinados. Esse movimento se repete inúmeras vezes, durante a autobiografia. Der-Bedrossian, assume para si a posição de Simônides⁴⁴, deve reconhecer os mortos. Pois mesmo que os assassinatos não sejam passíveis de compreensão, lembrar dos mortos é encontrar um túmulo, para cada um. Há, ainda para o autor, uma frustração e culpa, que perpassa a narrativa advinda de um sentimento que ele também deveria ter sido morto. Em 1915, quando sua família toda foi exterminada, e por acaso, no exato momento, ele se encontra na casa de uma missionária dinamarquesa, que lhe oferece refúgio, Bedros Der-Bedrossian se culpa, por não poder fazer nada para salvá-los, e ainda por não ter sido morto. Essa culpa advém da sensação de que não deveria ter visto, vivido, e sobrevivido a esta experiência. O abandono de uma narrativa amparada no *fluxo de consciência* permite o leitor acompanhar o cotidiano e os detalhes da memória de um sobrevivente, que resiste diante do absurdo.

⁴³ Expressão usada por Márcio Seligmann-Silva (2006, p. 55).

⁴⁴ Segundo Márcio Seligmann-Silva: “O texto de testemunho também tem por fim um culto aos mortos. Não por acaso, esse culto está na antiqüíssima tradição da arte da memória ou de mnemotécnica (*ars memoriae*). Vale a pena recordar nesse contexto a anedota acerca do poeta Simônides de Ceos (apr. 554-468 a.C.), considerado o pai da arte, e que foi narrada, entre outros, por Cícero (*De oratore*, II 86,352-54), por Quintiliano (II, 2, 11-16) e por La Fontaine. Nessa anedota, Simônides é salvo do desabamento de uma sala de banquete onde se comemorava a vitória do pugilista Skopas. O que importa nessa história é o que sucedeu após essa catástrofe. Os parentes das vítimas não conseguiram reconhecer os familiares mortos que se encontravam totalmente desfigurados sob as ruínas. Eles recorreram a Simônides – o único sobrevivente – que graças à sua mnemotécnica conseguiu recordar-se de cada participante no banquete, na medida em que recordou do local ocupado por eles.” (2006, p. 55)

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de. I. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AHMAD, Feroz. **The Making of Modern Turkey**. London: Routledge, 1996.
- ARENT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARLEN, Michael J. **Passagem para Ararat**. Tradução de Ana Teresa Jardim Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ARTZROUNI, Ashot. **História do Povo Armênio**. Tradução de Hagop Kechichian. São Paulo: Igreja Apostólica Armênia/Brusco, 1976.
- BENJAMIN, Walter. "Crítica da Violência. Crítica do Poder". Tradução de Willi Bolle, In.: **W. Benjamin, Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**. Organização de W. Bolle. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986, p. 160-175.
- BRUNETEAU, Bernard. **O Século dos Genocídios: Violências, Massacres e Processos Genocidários da Armênia ao Ruanda**. Lisboa: Piaget, 2004.
- CARUTH, Cathy. "Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória)". In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 99-110.
- CHAHINIAN, Stepan Norair. **Armenia**. Buenos Aires: Tipoiti satic, 2008.
- CYTRYNOWICZ, Roney. "O Silêncio do Sobrevivente: Diálogo e Rupturas entre Memória e História do Holocausto." In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003
- COMUNIDADE ARMÊNIA DO BRASIL, **Os Armênios Reivindicam seus Direitos e Esperam Justiça**. São Paulo, Butinhão.
- DADRIAN, Vahakn N. **Warrant for Genocide - Key Elements os Turko-Armenian Conflict**. London: Transaction Publishers, 2006.
- DER-BERDROSSIAN, Bedros. **Autobiography & Recollections**. Tradução de Tamar Der-Ohannessian. Filadelfia: 2005
- FANON, Franz, **Os condenados da Terra**. Tradução de José L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. "Após Auschwitz." In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003
- _____. "Palavras para Hurbinek". In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 99-110.
- HOVANNISIAN, Richard G. **The Armenian Genocide – History, Politics, Ethics**. Wiltshire: Macmillan, 2000.
- KECHICHIAN, Hagop (tradução). **História dos Meus Antepassados**. São Paulo: Gráfica dos Padres Mekhitaristas, 1980.

_____. **O Cristianismo e o Alfabeto – Fatores de Preservação da Integridade e da Identidade Cultural Nacional Armênia**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Mário Gonçalves)

_____. **Os sobreviventes do Genocídio – Imigração e Integração Armênia no Brasil – Um Estudo Introdutório – (Das Origens à 1950)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2000. (Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Dr. Victor Deodato da Silva)

KERIMIAN, Nubar. **Massacres de Armênios**. São Paulo: Parma, 1998.

LEVI, Primo. **È Isto um Homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIBARIDIAN, Gerard J. **Modern Armenia – People, Nation, State**. London: Transaction Publishers, 2004.

LORES, Raul Juste. “França punirá quem nega genocídio armênio”. **Folha de São Paulo**: Caderno Mundo, sexta-feira, 13 de outubro de 2006.

LOUREIRO, Heitor de Andrade Carvalho. “95 Anos do Genocídio Armênio – Protótipo dos Genocídios dos Tempos Modernos”. **Revista de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 12, p. 271-275, Julho de 2010.

MARTINI, Sueli Ribeiro. **IAN-Sufixo da Identidade – Presença da Comunidade Armênia no Processo de Urbanização de Osasco 1920-2000**. São Paulo: PUC/SP – Programa de História, 2004. (Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dra. Márcia Mansor D’Alessio)

MEKHITARIAN, Nichan. **O Reino Armênio da Cilícia e a História de Zeytun**. São Paulo: EL – Edições Inteligentes, 2005.

ÖZKAN, Zafer. **The Armenian Question From Terror to Policy in the Historical Progress**. Istanbul: Erofset San. Ve TIC.A.S.

PELLETIER, André; YVES-MITTON, Jean. **História da Armênia em Quadrinhos Ilustrados**. Tradução de Hagop Kechichian. São Paulo: Sociedade Artística Melodias Armênias – Clube Armênio F.R.A Armênia Yeridasartaz Miutium, 2007.

SARTRE, Jean Paul. “Prefácio”. (1961) In.: FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p 3-21.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999.

_____. **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. “A História como Trauma”. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 73-98.

_____. “Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Erich Marker: A Escrita da Memória”. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. “Estética e Política, Memória e Esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo”. **Cultura Crí-ti-ca – Revista Cultural da Apropuc-sp**, n. 9, 1º Semestre de 2009.

_____. “O Testemunho: Entre a Ficção e o ‘Real’”. In.: **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____. “Reflexões Sobre a Memória, a História e o Esquecimento”. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SOFSKY, Wolfgang. **Tiempos de horror**. Tradução de Isabel Garcia Adánez, Madrid: Siglo XXI, 2004.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a Violência**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SUMMA, Renata de Figueiredo. **Vozes Armênias: Memórias de um Genocídio**. Trabalho de Conclusão da Graduação de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes. Sob orientação: Professora Dra. Alice Mitika. São Paulo: FFLCH/USP, 2006

TOYNBEE, Arnauld Joseph; BRYCE, Lorde James. **Atrocidades Turcas na Armênia – denúncias de grandes personalidades**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ZÜRCHER, Erik J. **Turkey – A Modern History**. London: Tauris, 2005.

Textos consultados para essa pesquisa:

Redação. “Armênia marca 90 anos de massacre”. **Folha de São Paulo**: Caderno Mundo, 25 de abril de 2005.

Um genocídio em julgamento: o processo de Talaat Paxá na República de Weimar. Trad. Erlon Paschoal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Anais do Seminário Internacional – 95 Anos do Genocídio Armênio – Protótipo de Genocídio dos Tempos Modernos de 22 a 24 de abril de 2010 – São Paulo – Brasil.

Associação Cultural Armênia de São Paulo (ACASP). **82º Aniversário – Genocídio e Causa Armênia**. São Paulo: Indy, 1997.

90 Anos do Genocídio Armênio. São Paulo: Cinelândia, 2005.

Recebido: 07/04/2011

Aprovado: 20/07/2011